

ALINGO DE LAKA

OS MONTANHEIROS



Sociedade de Exploração Espeleológica

"Todos os anos nós tomamos os Açores maiores."

Boletim Informativo N.º 36

ILHA TERCEIRA - AÇORES

Outubro 1997



NESTE NÚMERO:



ESPELEOPICO;
ENTREVISTA
COM AMÉRICO
LUÍS;
GRUTA DOS
TÚMULOS;
GRUTA DAS
AGULHAS;
FURNA D'ÁGUA;
O SISTEMA
CHLB;
CORPOS
GERENTES 97/98;
33.º ANIVERSÁ-
RIO;
TRABALHOS DE
CAMPO 96/97;
AVENTURA NO
GERÊS;

...Num Total de 72
Páginas e Quase 60
Fotografias Sobre
os Açores Que Você
Ainda Desconhece!



PINGO DE LAVA

Boletim Informativo nº 36 Outubro de 1997

Editado e Publicado por
"Os Montanheiros", Sociedade de Exploração
Espeleológica

Capa (fotografias tiradas por "Os Montanheiros")
"Rocha do Chambre e Biscoito da Ferraria,
vistas do Morro Assombrado" e
Gruta do Cão

Tiragem
Aproximadamente 300 exemplares

Publicação subsidiada por
Direcção Regional dos Assuntos Culturais

Colaboradores
Alice Rocha
Albino Garcia

Publicação anual de "Os Montanheiros", Sociedade de Exploração
Espeleológica, idealizada por Luis Pimentel. A reprodução de toda ou
qualquer parte desta publicação é proibida, excepto com conhecimento
e autorização dos respectivos autores. Quando junto ao nome do autor
do texto não estiver indicado a respectiva direcção, esta entende-se
como sendo a de "Os Montanheiros", Sociedade de Exploração
Espeleológica.



Os Montanheiros
Sociedade de Exploração Espeleológica

✉ Rua da Rocha 6 / 8
9700 Angra do Heroísmo

☎ (095) 22992

ÍNDICE:

- .3 A razão de ser... ter e não ver
- .5 33º Aniversário
- .7 Entre Picos e Vales/96
- .9 Travessia Radical
- .12 EspeleoPico/96
- .24 Fragmentos
- .25 Gruta dos Túmulos
- .28 Entrevista com Américo Luiz
- .36 Nós e a Ilha/97
- .38 A Gruta das Agulhas e o seu
Interesse Patrimonial

.43 O Sistema CLHB

.48 Furna d'Água

.67 Aventura no Gerês

.68 Trabalhos de Campo

Último Pingo - Gruta do Caldeira Sobterrada

EDITORIAL

TALVEZ UM DIA...

Talvez um dia, o Pingo de Lava seja publicado sem atrasos...
Talvez um dia, o Pingo de Lava volte a ser semestral...
Talvez um dia, não haja contingências de formato que nos impeçam de publicar o Pingo de Lava em papel reciclado...
Talvez um dia, publiquemos o Pingo de Lava numa gráfica, com a qualidade que todos desejamos...
Talvez um dia, a nova secção "Algares, Furnas e Grutas da Ilha Terceira" dê origem a um livro...
Talvez um dia, os Açorianos percebam que todos os anos tornamos os Açores maiores...
Talvez um dia, se perceba que existe uns Açores belo sob os nossos pés...
Talvez um dia, se perceba que as grutas são um rico património de todos nós...
Talvez um dia, se perceba que há muitas grutas com interesse turístico, para além do Algar do Carvão, na ilha Terceira, e da Furna do Enxofre, na ilha da Graciosa...
Talvez um dia, a Gruta das Torres, na ilha do Pico, seja explorada turisticamente...
Talvez um dia, ALGUÉM se aperceba de que andam a tapar e a destruir grutas impunemente...
Talvez um dia, a Gruta do Caldeira e a Furna Frei Matias voltem a ver a luz do dia...
Talvez um dia, se faça legislação para protecção e conservação das grutas...
Talvez um dia, se deixe de fazer a extracção (sem controle) de bagacinas nos nossos picos...
Talvez um dia se deixe de substituir a original floresta de laurissilva por criptoméria e eucalipto...
Talvez um dia, a Terra Brava deixe de estar votada ao abandono e se torne Reserva Natural...
Talvez um dia, se perceba que as Reservas Naturais não são parques de lazer pessoais só para um ou dois estudiosos...
Talvez um dia, se emende a legislação das Reservas Naturais...
Talvez um dia, se deixe de fazer das ribeiras e da orla marítima lixeira de tudo...
Talvez um dia, ALGUÉM deixe de ver as belezas interiores das nossas ilhas só olhando para os cartazes turísticos pregados na parede do gabinete...
Talvez um dia, os nossos responsáveis políticos deixem de fazer o mesmo só quando olham pela janela do avião...
Talvez um dia, se perceba que a vocação dos Açores é o turismo da natureza...
Talvez um dia, se perceba que a conservação da natureza é indispensável para o futuro da nossa terra...
Talvez um dia, ALGUÉM ouça este nosso grito de alerta...
Talvez um dia, antes que seja tarde demais...

"Os Montanheiros"

A RAZÃO DE SER ... TER E NÃO VER



por José Maria Botelho

Ao chegar a Primavera, chega também o programa de percursos pedestres pelo interior da ilha Terceira, promovidos anualmente por esta instituição, dando a oportunidade a todos aqueles que se dispõem a acompanhar-nos ao contacto directo com a natureza, conhecendo e apreciando as mais belas paisagens do sertão terceirense. Com uma média de dez caminhadas por ano "Os Montanheiros" percorrem toda a parte interior da ilha, por trilhos que contornam serras e lagoas, picos e vales, rochas e florestas, passando por grotas, ribeiras e nascentes, sempre com o objectivo de dar a conhecer aos participantes os mais belos e pitorescos recantos da ilha.

Estes passeios vem-se realizando à mais de três décadas, mas só a partir de 1988 com "Naturalmente Natureza" é que as caminhadas passaram a ser dotadas de estruturas mínimas indispensáveis, com uma calendarização prévia e propaganda adequada, sendo denominadas com títulos próprios. Assim se sucederam "Ao encontro da Ilha 89", a "Rota do Açor 90", "O Olho do Milhafre 91", "A Ilha Viva 92", "Rumos de Ilhéu 93", novamente a "Rota do Açor 94", "Trilhos d'Ilha 95" e finalmente "Entre Picos e Vales 96".

O programa de caminhadas para este ano foi baptizado de "Nós e a Ilha 97", (nós e uma reduzida parte da ilha, para sermos mais exactos), sendo constituído por 9 passeios. Este ano fugiu-se um pouco ao habitual, com a "Travessia Radical", da Serreta ao Cabo da Praia, nos dias 28 e 29 de Março passado, sobre a qual damos maior destaque noutra página deste Boletim. Outros se seguiram sempre com uma boa afluência de participantes: no dia 20 de Abril para o lado Sul da "Terra Brava"; as "Minas da Serra" no dia 1 de Maio; 11

de Maio com "Floresta Amada" na Terra Brava (lado Norte); e, finalmente, a 8 de Junho no "Trilho dos Miradouros" no Pico Agudo, Pico Alto e arredores. Houve um interregno durante os meses de Julho e Agosto, altura em que praia é preferida à floresta. As caminhadas recomeçaram a 7 e 21 de Setembro e encerraram a 5 de Outubro.

Desde alguns anos que estes passeios vem-se realizando numa área limitada, por não nos ser concedida a autorização pelos Serviços competentes, em contemplarmos os participantes com percursos nas áreas das Reservas Integrais, designadamente na Serra de Santa Bárbara e Biscoito da Ferraria.

Agora, condicionados no espaço, temos procurado outros percursos, com outros trilhos, outras paisagens e que, embora não possuem a riqueza e o endemismo das Reservas Integrais, não deixam de ser locais bastante aprazíveis.

Com espectacularidade idêntica às Reservas Integrais, existe a Terra Brava, grande floresta de vegetação endémica na freguesia da Agualva, que, infelizmente, continua ao abandono e mercê de todos os malefícios. A Terra Brava tem sido o nosso "Ai Jesus" para as caminhadas, mas torna-se complicado traçar outros percursos numa área tão restrita, que, embora, seja uma área de extraordinária beleza paisagística, começa também a "cansar a vista" aos participantes que nos acompanham com mais frequência.

Não há nos Açores lugares virgens por descobrir, mas há, por todas as ilhas, áreas de rara beleza paisagística, onde se pode gozar o prazer da Natureza. Num meio pequeno como o nosso, temos a felicidade de encontrar deslumbrantes paisagens, mesmo ao sair das nossas casas. Mas também é verdade, que não podemos passar uma vida inteira a

olhar para a linha mais forte de uma paisagem - o horizonte, - quando temos tão perto de nós lugares menos conhecidos, riquíssimos em flora endémica e com paisagens de rara beleza. Algumas destas áreas, infelizmente, por força da lei, estão vedadas aos amantes da natureza.

Vedar o acesso a uma área protegida, no nosso entender, não é o melhor que se pode fazer para proteger e preservar o que lá existe. Concordamos que as leis sejam cumpridas, com uma fiscalização eficaz, para que se possam manter e valorizar o nosso património natural, mas não é necessário "Proibir" aos alunos, professores e amantes da Natureza a penetração nas Reservas Naturais. Um exemplo, semelhante a este, seria o caso de existir um museu recheado das mais belas artes e este encontrar-se sempre fechado a "sete chaves". De pouco servia a existência do mesmo.

Compreendemos que não se deve abrir deliberadamente o acesso a toda a gente nas áreas protegidas. Concordamos que assim seja, mas pode-se limitar o número de participantes, sempre na companhia de um guia preparado e conhecedor das áreas a proteger e abrindo atalhos devidamente marcados, obedecendo aos contornos que o terreno exige ou simplesmente usando os atalhos ainda existentes que os antigos abriram. Assim, estas incursões nada trariam de mal às Reservas Integrais e a prova disso é que os antigos passaram lá durante centenas de anos e estas mantiveram-se intactas. Por isso, não nos venham dizer que a compressão exercida pelos passos humanos num trilho bem delimitado destrói ou põe em risco o estado natural de uma área protegida.

Ninguém fere uma paisagem ou destrói uma floresta zigzagueando através de um trilho

cuidadosamente aberto (ou já existente) para percursos pedestres.

Visitar uma área protegida constitui por certo um surpresa maravilhosa. O prazer é por vezes aumentado pela descoberta que se encontra no seu endemismo vegetal. Existem certos pormenores na Natureza que, quando vistos a curta distância, dão-nos uma perspectiva totalmente diferente. Percorrer, de vez em quando, um trilho, bem delineado, numa reserva natural, ajuda a manter acesa na memória o respeito que se deve ter pelas verdadeiras belezas naturais.

Os verdadeiros amantes da Natureza, encaram as árvores, as plantas e os animais com compreensão e respeito. Nunca retiram nada que faça parte da Natureza, nem deixam vestígios escusados da sua presença.. Apenas se limitam a fotografar cenas e pormenores que lhes agradam, observando o ambiente mais claramente e com uma perspectiva diferente por ser ao vivo. Sabem, igualmente, que o melhor processo de captura de plantas e animais é através da fotografia, uma das formas mais seguras de evitar a extinção de qualquer espécie. Numerosas espécies vegetais e animais tem sido ameaçadas de extinção, muitas vezes por culpa daqueles que por elas mais se interessam. Se a defesa dos mesmos não fosse tanto badalada, levando ao conhecimento popular da raridade de algumas espécies, não despertaria aos mais curiosos o interesse de recolha dessas mesmas espécies raras (plantas, no caso dos Açores).

A palavra chave para a protecção da Natureza chama-se RESPEITO. O bom comportamento de todos pode defender com maior eficácia e convicência a necessidade de conservação da natureza do que muitas conferências sobre o assunto.

Vedar por completo o acesso às áreas protegidas não é, por várias razões, o melhor caminho a seguir. É necessário que as leis sejam cumpridas e que se defendam as áreas protegidas com uma fiscalização correcta, mas seria mais premente que fosse criada nova legislação sobre as áreas a proteger e mais adequada ao nosso meio. Não entendemos a razão, de se "tapar todos os caminhos" às

áreas de maior interesse para os estudantes e professores e para o chamado "turismo da Natureza". ISTO NÃO SERÁ UMA FORMA DE TRAVAR O CONHECIMENTO E A TOMADA DE CONSCIÊNCIA PELOS JOVENS SOBRE O NOSSO PATRIMÓNIO VEGETAL NATURAL, NAS ÁREAS MAIS REPRESENTATIVAS? NÃO SERÁ TAMBÉM UMA FORMA DE FECHAR AS PORTAS AOS TURISTAS E AMANTES DA NATUREZA? E NÃO SERÁ AINDA, UMA MANEIRA DE TIRAR AOS AÇOREANOS O DIREITO DE PARTILHAR EM COMUM TODAS AS BELEZAS QUE A NATUREZA NOS LEGOU?

Uma má legislação não cumpre o seu objectivo nobre. Há, por isso, que mudar.

Senão, nascemos, vivemos e morremos no isolamento destas pequenas ilhas, rodeadas pelo Oceano Atlântico, sem que tenhamos direito de contemplar as maravilhas naturais que temos, através de um contacto directo com as áreas mais representativas pela beleza da sua vegetação natural e paisagens por muitos desconhecidas.

Muitos actos de pura selvageria tem sido cometidas pelo mão do homem, degradando algumas áreas que outrora eram cobertas de vegetação endémica e que hoje fazem lembrar um "deserto bombardeado". A floresta primitiva sofreu profundas alterações, tendo-se trocado a flora endémica por uma implantação maciça e gigantesca de *Criptomera japonica* e do famigerado eucalipto, degradando e alterando a própria paisagem (veja-se o caso da Terra Brava).

Nós, "os Montanheiros", estamos isentos de culpa. Muitas foram as vezes em que alertamos as entidades para dar um fim tais negligências, defendendo e salvaguardando as nossas florestas endémicas dos flagelos que se tem cometido pela força das "lagartas", a mando de alguém (?) que pouco ou nada se importava com a beleza e o endemismo das nossas florestas.

É pena que assim seja, mas as leis por vezes são injustas e

imperfeitas e não há vontade em mudá-las.

Tem sido sempre nosso objectivo ao longo dos anos dar a conhecer às pessoas todas as belezas a preservar, sem infringir estragos em tudo o que se relacione com o nosso Património Natural. O nosso comportamento com a natureza, tem influenciado os quantos que nos acompanham, as crianças ou os transeuntes inexperientes ao seguirem as nossas pegadas e ao verem o nosso comportamento no relacionamento com a Natureza, procedem naturalmente do mesmo modo. Ao penetrarmos numa área no estado selvagem, deixamo-la sempre como a encontramos.

Andar a pé, sempre esteve associado à existência do homem, é uma actividade, que está a conquistar cada vez mais adeptos, tem a particularidade de ser acessível a qualquer pessoa, basta estar fisicamente apto. Um passo cadenciado, é um segredo que permite facilmente e sem custo dar longos passeios, pelo que cada caminhante deve adoptar um ritmo moderado para o seu andamento.

Continuaremos a mostrar "algumas" belezas a quem nos queira acompanhar, embora mais condicionados no espaço, não deixaremos de traçar percursos, de modo a que, mesmo à distância, todos possam ter uma ideia da beleza das Reservas Integrais da Ilha Terceira.

Venha connosco conhecer "algumas" belezas naturais da Ilha Brava.

AFORTUNADOS TERCEIRENSES QUE TAIS BELEZAS POSSUEM, TÃO PERTO ... E SIMULTANEAMENTE TÃO LONGE ... DE TODOS OS QUE AMAM A NATUREZA.

VENHAM CONNOSCO CONHECER PARA PRESERVAR.

José Maria Botelho

33º ANIVERSÁRIO

da

SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA, "OS MONTANHEIROS"

E eis que chegando a Dezembro encontra-se esta associação prestes a completar mais um ano de existência, desta feita o seu 33º aniversário, no primeiro dia do mês.

Já são alguns anos de actividades várias que, se de início possuíam um carácter lúdico e recreativo aos elementos de então, com os anos, por exigências sociais, rapidamente se combinaram numa mesma causa, mais importante e mais exigente: a de preservar uma natureza e ambiente únicos que destruídos dificilmente o homem os poderá repor.

Como tradição que é desta casa, abriram-se as portas, mais do que aquilo que é habitual, neste dia em que a hospitalidade desta instituição novamente ficou bem patente aqueles que nos visitaram. Com abertura gratuita durante as comemorações do aniversário aos visitantes do Algar do Carvão, apresentou-se ainda a oportunidade de admirarem o nosso Museu Vulcano-espeleológico "Machado Fagundes" e a exposição fotográfica sobre temas vários, na sala de convívio.

Sendo o aniversário no Domingo, preferiu a direcção dos Montanheiros reservar para o dia de Sábado o início do programa. A noite foi reservada à sessão solene, com sala cheia, como habitualmente, o que demonstra o carinho e interesse por parte das pessoas em acederem ao nosso convite. Presidiu à mesa, como em anos anteriores, Sua Ex.a. o Ministro da República para os Açores, Prof. Mário Pinto. A mesa de honra ficou ainda composta pela presença de Sua Ex.a. o Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais, Prof. Álamo Meneses, Sua Ex.a. o Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Eng. Rui Andrade, o Presidente da Assembleia dos Montanheiros, José Duarte, bem como, o orador da sessão solene, Dr. Luís Monteiro.

O Presidente da Direcção dos Montanheiros, Jorge Silva, abriu a sessão com o discurso que de seguida transcrevemos:

DISCURSO DO 33º ANIVERSÁRIO

Ex.mo. Senhor Ministro da República para os Açores

Ex.mo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

Ex.mo. Senhor Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais

Esta sociedade faz amanhã 33 anos de uma existência profícua em obra realizada, além de estarmos a comemorar também o 10º aniversário da sede neste edifício, adquirido sinistrado depois do sismo de 80 e reconstruído em 1986, com a ajuda de algumas entidades e bastante esforço da nossa parte.

Muito nos orgulha que o nome desta associação seja conhecida em todas as ilhas dos Açores, Portugal e além fronteiras. Para tal várias tem sido as actividades desenvolvidas, que não vou referir dado que a exposição de fotografias que vêm à sua volta tratar disso mesmo. Esta exposição será maior dentro de algum tempo, mas não foi possível para agora por sermos ainda poucas pessoas para o muito trabalho que queremos desenvolver.

De entre os nossos planos para o futuro queremos realçar o projecto de ampliação do edifício, tendo em vista o alargamento do museu que já se torna exiguo para as nossas necessidades, já que estão em curso vários trabalhos a serem expostos, nomeadamente outras maquetes, e está prevista a realização de outros mais. O espaço torna-se realmente curto para por em prática todas as nossas ideias.

A par deste projecto de alargamento da sede, já apresentamos outro que queremos ver realizado, que é a construção de uma casa de abrigo sobre a entrada da gruta do Natal, que sirva de apoio aos visitantes e conte um pouco da sua história. Desta forma poder-se-á ainda controlar o acesso dos visitantes, impedindo a entrada daquelas pessoas que vão à gruta simplesmente para a vandalizar.

Durante este ano os Montanheiros formaram uma secção de escalada desportiva, o que se justifica não só por ir de encontro à vontade dos nossos jovens por desportos ditos "radicais", mas por assim estarem a adquirir conhecimentos e técnica pessoas que poderão ser chamadas mais tarde a prestarem serviços de utilidade pública, como tantas vezes o fomos no passado, quer em missões de busca e salvamento, como ainda este ano, a pedido da Secretaria Regional de Ambiente, o fomos para proceder à limpeza da Rocha dos Bordões.

Muito mais poderia dizer das actividades desta sociedade, mas a obra feita fala por si. Quero, no entanto, agradecer a todos quanto tem colaborado com esta associação, dizendo desde já que pretendemos recorrer durante o próximo ano novamente a muitos deles, porque sabemos ser dignos da ajuda que nos dão ao levarmos a bom termo os projectos que concretizamos. À muito a fazer e os Montanheiros não param.

A todos e em nome dos Montanheiros muito obrigado.

Dono da palavra o orador da sessão solene, Dr. Luís Monteiro, iniciou a sua comunicação sobre "Aves

Marinhas dos Açores". De uma forma muito agradável e perceptível dissertou sobre as espécies de aves marinhas,

residentes e migratórias, existentes nos Açores. Coube-nos a nós consciencializarmo-nos quanto à fragilidade de alguns habitats naturais de nidificação de aves e quanto às dimensões críticas de determinadas populações. Recorrendo a gravações áudio e projecção de slides foi-nos possível conhecer melhor os indivíduos em causa, desde o colorido das sua penas aos sons de acasalamento.

A sessão foi encerrada com um beberete e convívio

que em nada ficou a dever às expectativas da organização.

No domingo dia 1, para quem madrugou, houve oportunidade de assistir à alvorada, sensivelmente às 08:00 horas da manhã, com actuação da Filarmónica Recreio dos Artistas.

E assim terminou mais um aniversário, com o balanço do trabalho feito e promessas do muito que há a fazer.



Fotografia n.º 1 - O Presidente, Jorge Silva, lendo o discurso do 33.º Aniversário. Na mesa, da direita para a esquerda: José Duarte, Presidente da Assembleia Geral de "Os Montanheiros"; Eng. Rui Andrade, Presidente da CMAH; Prof. Mário Pinto, Ministro da República; Prof. Álamo Meneses, Secretário da S.R.E.A.S.; e o Dr. Luís Monteiro, o orador convidado.

Fotografia n.º 2 (em baixo)- Assistindo à exposição do Dr. Luís Monteiro (o primeiro à esquerda das pessoas em pé ao fundo da sala) sobre as aves marinhas do Arquipélado dos Açores, exposição que contemplou a audição da gravação dos sons das aves, tendo despertado o interesse, curiosidade e gosto da assistência em geral.



ENTRE PICOS E VALES 96

15 de Setembro

por Alice Rocha

Não se aprende, Senhor, na fantasia,

Sonhando, imaginando ou estudando,

Senão vendo, tratando e pelejando.”

Os Lusíadas, c. x. 153, vv. 6-8

Afigurar-se-á estranho iniciar uma crónica de mais um passeio promovido pela Associação citando Camões. Mas aquando desta narração senti alguma dificuldade em passar para o papel as emoções experimentadas pela maioria dos participantes e, de facto, o Poeta ajudou

... Quando se faz o traçado de um trilho para posteriormente fazer parte de uma das caminhadas, ele é feito com imaginação e algum estudo local e vai-se delineando com algumas precauções, de forma a garantir a segurança das 3 a 4 dezenas de participantes, (nº que normalmente compõe os nossos passeios).

Tratando-se das vertentes exteriores da Serra de Santa Bárbara, como foi o caso do passeio de 15 de Setembro, à Lagoínha, aí dobram-se os cuidados por se tratar da zona da ilha com mais forte densidade hidrográfica: numerosas ribeiras estreitas, escarpadas e com margens arborizadas surgem a par de pluviosidades intensas e humidade relativa permanente e muito elevada, condições propícias a dificultar a execução do trilho traçado para o passeio em causa.

9:30 horas. Na sede discute-se a possibilidade de realizar um percurso alternativo, pois as condições climatéricas apresentam-se instáveis e a serra está coberta de nuvens ...

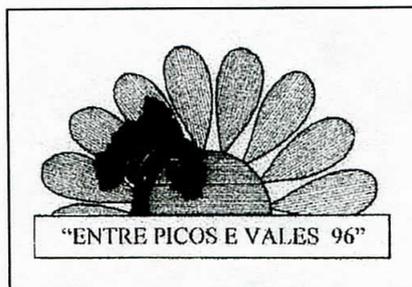
Mas ... como diz o Poeta, só se aprende vendo, tratando e pelejando ... E foi de facto um percurso onde a observação local a local obrigou a constante “tratos” e “combates” ...

Um número considerável de participantes saía connosco pela primeira vez e, para outros, foi a última ... Não se assuste, senhor leitor ... Nenhum deles ficou pelo caminho ...

Os Montanhêiros são solidários ... Mas em abono da verdade também tenho de dizer que houve quem delirará-se com a aventura ... Pois de verdadeira aventura se tratou. S

Iniciámos o trajecto pelo Pico Queimada, subimos a Ribeira da Lapa até aos Carregadoiros Furados. O nevoeiro e o vento começaram a “fustigar”.

Hei-nos chegados à Lagoa do Pinheiro (ou Lagoa Alta). Apenas estão visíveis os contornos da Lagoa. Mas, como por magia, o nevoeiro levanta



rapidamente e deixa descoberta toda a Lagoa. Foi gratificante e do agrado de todos os participantes o que vislumbram em meia dúzia de minutos. Seguiu-se uma sessão de fotografias.

Retomamos, contornando a Lagoa, os pés afundam-se na *Sphagnum* que contorna a lagoa. A chuva começa miudinha, mas constante, só parando quando estamos perto da Nascente da Caldeirinha. Foi este o local escolhido para o almoço, por ser abrigado dos ventos e pela existência de água potável e gostosa. Raros foram os elementos do passeio que não a saborearam.

Mais recompostos com o almoço e alguns com a cafézinho bem quente que alguém insistiu em trazer por estas andanças, seguimos o caminho rumo ao alto da Serra (lado do Raminho).

Pés alagados, corpos molhados - começaram a descer uma das grotas da ribeira da Lapa até apanhar a grotta da Lagoínha.

Tudo piora ... a chuva, o nevoeiro, os óbvios obstáculos que se vão avizinhandando. As grotas estavam cheias. Transpô-las era um desafio. Se não fosse a solidariedade e o incentivo do tipo: “Tu consegues ...”, “Coloque o

pé na minha perna ...”, “Pendure-se a esse tronco...”, “E agora sim, salte ...”

(Houve quem salta-se e o tronco seguiu o exemplo ... É verdade, nunca mais vi esse participante noutros percursos!!...)

Entre “rabujos” e sorrisos de alguns pelas quedas espectaculares de outros,

o trajecto vai prosseguindo. Sei que na vanguarda o “Lobo da Montanha” recorre várias vezes à catana para abrir caminho mais ... como direi ... mais “suave” (os que participaram na caminhada não se riam ...).

Chegamos à Lagoínha. Só junto dela conseguimos vê-la. Tempo de trocar algumas apreciações da forma como estava a decorrer o “passeio” (isto dito com ironia ...).

Como as condições atmosféricas não melhoravam alguém a que compete decidir, decide bem ... regressar era urgente. Pois, já há algumas horas que se caminhava de pés e corpos alagados

...

Do trilho ficou por percorrer a Ribeira do Além, o Pico Negrão e os Funis da Serreta.

Ficaria para um próximo percurso ?!

Já junto das viaturas os participantes forravam os acentos e o fundo dos carros com plásticos vermelhos e os mais prevenidos trocavam de meias e calçado.

Todos pensavam num bom banho quente e como estariam amanhã ... (palavra de principiantes ...).

E assim termino.

E com mil perdões ... permitam-se dedicar esta simples crónica aos meus dois sobrinhos Pedro e Margarida que estão cá de visita que não quiseram deixar de me acompanhar neste percurso e experimentar eles mesmos os relatos que continuamente ouvem da tia ao telefone e sempre que os revê.

Falo das minhas “aventuras” dos lugares bonitos que percorro durante os trilhos e por isso a fantasia, o sonho e a imaginação já existiam neles. Faltava o complemento: Ver, Tratar e Pelejar ... Adoraram ... Bem hajam, senhores Montanhêiros!

ENTRE PICOS E VALES 96

15 de Setembro

por Alice Rocha

O percurso de 29 de Setembro, designado "Fontes da Vinagreira", prometia ser um óptimo passeio.

Junto à sede alguns recordavam o trilha do passeio último, o de 15 de Setembro ... mas alguém se apressou a recordar que este era um passeio considerado pelos Montanheiros como um "percurso turístico" - Alguns suspiraram de alívio!

O tempo estava quente, o céu totalmente descoberto. Tomamos o rumo do cruzamento do Pico da Bagacina. Aqui, local de início de passeio temos que aguardar cerca de 1 hora pois pelo caminho, do Maúnto vem uma manada de touros bravos destinados à apreciação e escolha, pelos entendidos, para outros "bravos" que vão abrilhantar a festa dos Biscoitos.

É óbvio ... e quem conhece a nossa sempre presente Conceição Mendes, só o facto de saber que os "touritos" estavam por perto foi motivo de nervosismo dito "integral" ...

Assim só às 10:45 h nos fazemos ao caminho do Maúnto passando junto ao Pico dos Pedreiros. Subimos à Canada do Chambre, passando junto do Pico do Tamujo.

Raros foram os participantes que não recorreram aos seus apetrechos. Quero com isto dizer que os chapéus e lenços surgem rapidamente nas cabeças: é que a estrela principal da nossa Galáxia parecia estar toda ela intencionada em mostrar que, como astro com luz própria que é, há que evidenciar nem que seja de vez em quando (e evidenciou fortemente ...).

Junto ao Morro da Rocha do Chambre tirou-se a fotografia de grupo e apreciou-se o seu esplendor.

Seguimos pelo vale da Fonte da Vinagreira.

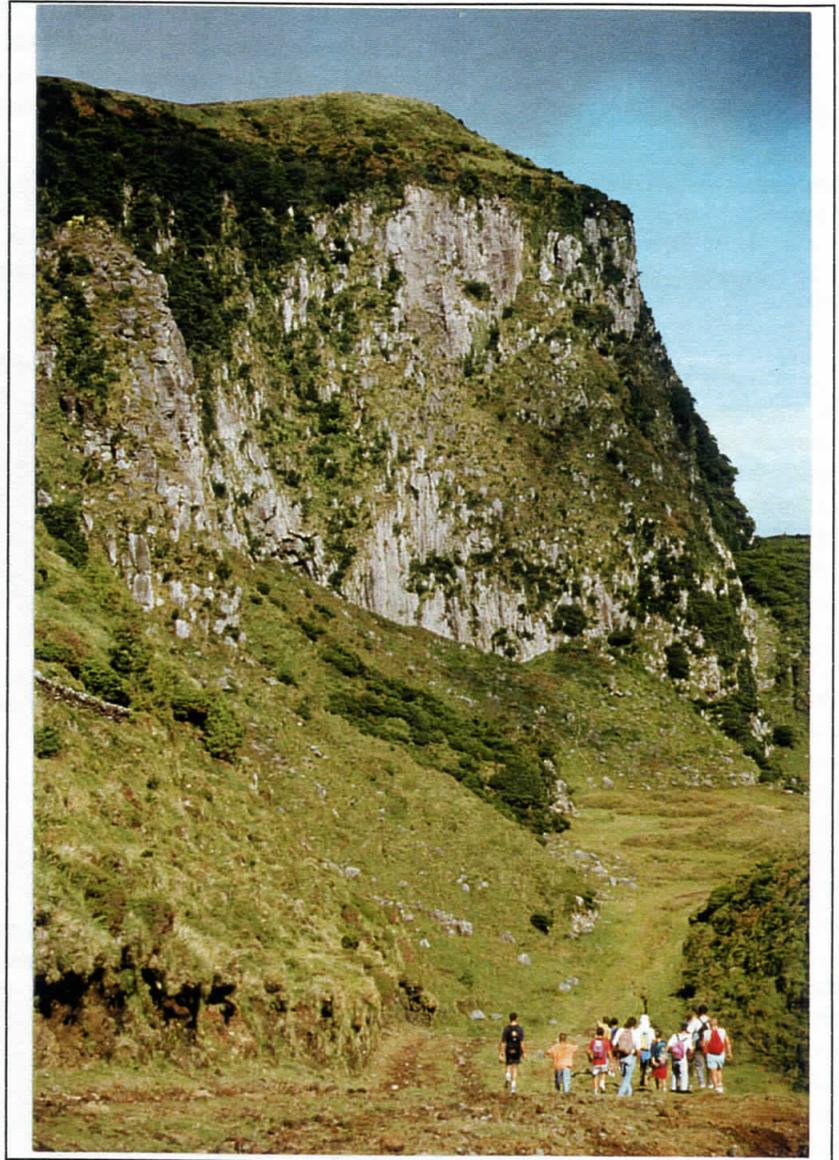
O almoço é saboreado por volta das 12:30 no início do Biscoito Rachado.

A sede, muita sede, entre os participantes gerou motivo de algumas brincadeiras com sentido de humor ...

Para alguns dos participantes, professores que estavam cá na ilha há menos de um mês, a curiosidade do nome dos locais e das actividades dos Montanheiros foram motivo de conversa - o que é sempre amistoso.

Retomamos o trajecto atravessando a Terra Brava pelo lado Norte em direcção à Nascente do Pico Alto. Aqui os participantes tem oportunidade de saciar, uma vez mais, a sua sede. Que bem que sabe ...

Percorre-se de seguida a Caldeira da Aqualva pelo Caminho do João Coelho até



Fotografia n.º 1 - Passando na canada junto à base da Rocha do Chambre.

apanhar o caminho da Terra Brava, junto ao Pico da Salsa.

Contorna-se o Pico do Mau olho pela estrada e desce-se por uma pequena grota junto ao Pico da Castanha.

Um dos participantes (que por mero acaso até é professor de educação física) mostrava-se extremamente cansado (permitam-me que faça uma leitura ... não tem ido aos treinos, por certo ... ou acusava uma noite mal dormida ...).

Segue-se a travessia do Vale dos Sete Picos rumo ao Algar do Carvão.

Aí todos os participantes na caminhada puderam usufruir de uma das maravilhas da ilha e do arquipélago. Uma grande número desconhecia o interior da "jóia".

Contemplaram o Algar e agradeceram a possibilidade dada e a simpatia dos Montanheiros em terminar o passeio com chave de ouro, pois o Algar foi tido como um prémio, não pelo percurso difícil (que o não foi a caminhada) mas pelo calor e pela elevada humidade que se fez sentir durante todo o percurso.



TRAVESSIA RADICAL

28 de Março de 1997

por Alice Rocha

Tudo começou há meses ... Que melhor forma de iniciar-se os tradicionais passeios promovidos por esta Associação, este ano denominados "Nós e a Ilha", do que com uma Travessia Radical Oeste-Este!

Do surgir ao edificar a ideia muitos trilhos tiveram que ser percorridos, analisados e tratados. Não

oceanicidade, relevo, corrente quente do Golfo e anticiclone dos Açores - resolveram "sentar-se à mesma mesa" e presentear-nos com dois belíssimos dias.

Desde a amenidade ao nível da água do mar até (e também) à amenidade das altitudes mais consideráveis da ilha, a calma

que se fazia deslocar no seu jumento (*Equus asinus*). A conversa que se estabelece põe ao corrente o Sr. António do trajecto a seguir pelos 24 caminhantes. Incrédulo, oferece o seu jumento à honorária Conceição na tentativa de suavizar a difícil subida que se erguia à nossa frente:

Funis da Serreta - Picos Queimados - Carregadoiros Furados - Lagoa do Pinheiro e 150 minutos percorridos a passos determinados. É claro que já nesta fase do percurso a boa forma física de alguns, (honras para os senhores da canoagem, e não só), manifestava-se.

Poucas palavras se



Fotografia n.º 1 - Os participantes na Travessia Radical, pertos dos Mistérios Negros.

bastava ter o número ideal de participantes para tal proeza nunca antes realizada pela Associação. Os aspectos logísticos tinham que dar satisfação a todas as necessidades que uma caminhada desta natureza exige.

Estamos chegados ao dia 28 de Março. Nove horas junto à sede. Já ninguém tem dúvidas - a "Travessia Radical" vai mesmo concretizar-se.

Estão presentes 24 participantes das 37 inscrições feitas.

As condições climáticas parecem ser as melhores ... Ou seja, a acção combinada dos factores: latitude,

atmosférica manifestou-se.

9:30 - A caravana parte rumo à Serreta. Compõem-na 2 jipes e um veículo da Cruz Vermelha com lotação de 18 lugares.

Retira-se o estritamente necessário para a caminhada do dia, pois todos os outros apetrechos seguiram em dois "carros de apoio" directamente para a Nascente do Pico Alto.

10:15 - Inicia-se a caminhada na Canada da Fonte. Foi logo aqui que a sempre amigosa Conceição Mendes estabeleceu diálogo com o Sr. António

trocavam entre os participantes, atitude pouco comum a outros passeios. Uma das razões subjacentes poderá ser o efeito que por vezes ocorre a quem tem um objectivo a cumprir e que centraliza todos os seus pensamentos para o fim em vista: chegar ao Cabo da Praia, no dia 29...

Nascente da Caldeirinha - bebe-se água da nascente, retemperam-se as forças, o nosso "Lobo da Montanha" revela o seu lado sociável (!) registando em fotografia alguns dos participantes e dos aspectos paisagísticos que se vão percorrendo.

Bagacinas e Lomba Careca - são agora 13:00 horas. Para-se para almoçar (35 minutos apenas). Há quem já acuse cansaço e pergunte quanto falta para o acampamento ...

E ... espanto geral, Jaiemdra Mangi acaba de almoçar e cumpre escrupulosamente o seu hábito de higiene dentária, em plena Lomba Careca. Este acto e outros similares valerem-lhe a nomeação de Mr. Limpeza.

Retoma-se a caminhada

Canada do Chambre. Tempo para apreciar a sempre majestosa Rocha do Chambre, evidenciando uma vegetação natural recheada de endemismos raros constituindo deste modo um habitat privilegiado.

Serviu como pano de fundo para uma fotografia de grupo. Aqui um dos elementos participantes de nacionalidade alemã procura solidariedade nos olhos dos presentes. O cansaço era evidente. Dá a conhecer que a travessia para ele termina

estava ele patente aos olhos de todos quantos o ansiavam.

Os elementos da Cruz Vermelha de apoio à Travessia Radical tinham cumprido a sua Missão (outra coisa não se esperaria) - o acampamento estava montado: sete tendas de tom azul forte contrastavam com o verde da vegetação e com a tonalidade peculiar do cair da tarde.

Chegada ao acampamento.

O cansaço, agora sim, era manifesto:

- Poucos falavam.
- Os corpos estendidos no chão.
- Pés descalços.

- Alguns dos elementos com bolhas nos pés, acusando os 20 Km percorridos no 1º dia.

Mas para os casos mais "trágicos" (que o diga o Victor Borges), lá estava presente a enfermaria

Fotografia n.º 2 - No acampamento, preparando para o descanso (ou será para uma noite?).



descendo a Lomba Careca e circundando a Lomba da Rocha até alcançar a Cova das Lombas. Aqui o nosso "Lobo da Montanha" resolve fazer o reconhecimento do local passando pela cova, ou covas, mais do que uma vez ... Há quem ache estranho a forma como é feito o reconhecimento do local ... e se revele confuso !! ...

Passa-se junto aos Mistérios Negros. A "jornalista de serviço" informa 2 dos participantes que os Mistérios Negros são o testemunho de uma actividade explosiva e efusiva que ocorreu em 1761 entre a caldeira da Serra de Santa Bárbara e a Agualva, até aos Biscoitos.

Atravessou-se o Pico da Cancela em direcção à canada dos Picos Gordos. Uns bons metros de estrada (piso que os caminhantes não apreciaram), entra-se na Canada do Maúnto para tomar a direcção do Pico dos Pedreiros e eis-nos chegados à

quando chegar ao acampamento, a esposa virá buscá-lo ao fim do dia e que bom banho e uma amena cama o espera ... E exclama no seu já óptimo português - Não tenho idade para isto!!!.

Retomamos a caminhada. Mais uma vez a boa forma física da maioria dos participantes determinava o andamento. Daí o termos chegado ao acampamento mais cedo do que o previsto - 17:40. Mas antes, muito antes deste ponto crucial ... Ladeamos o Biscoito da Ferraria, Fontes da Vinagreira, Atalho da Fonte da Vinagreira situado entre o Biscoito Rachado e o Pico Agudo e que atravessa parte da Terra Brava (lado Norte) e assim tomamos rumo até à Nascente do Pico Alto (lugar do acampamento). Caía a tarde. Descia-se para a Nascente do Pico Alto, o acampamento começava a vislumbrar-se. Mais dez minutos de descida e lá

da Cruz Vermelha.

Um acampamento que se preza tem de ter a sua fogueira em chama toda a noite. Nós não fugimos à regra. Estavam assim lançadas as condições essenciais para uma boa reunião entre os participantes (os que ficaram a acampar, pois houve quem fosse ficar a casa ...)

Entre o assar do frango, chouriço, uma boa anedota, uma cantiga, uma história de "sérios Cardeais" contada pelo simpático Coelho, aliás Mr. Originalidade, foi-se construindo uma saudável e amistosa atmosfera.

Enquanto isso, o membro mais entusiasta da organização da caminhada, o nosso querido Filipe, tentava fazer a sua Lasanha à luz de sofisticada tecnologia ... e não é que conseguiu?!!

Nuno Miguel Capaz conquistou o título de Mr. Solidariedade, ao



Fotografia
n.º 3 -
Subindo a encosta Oeste da Serra do Cume.

partilhar pela roda chouriço, pão, bolos e pizza que os seus simpáticos familiares vieram trazer ao acampamento. Mas também o nosso "Lobo da Montanha" quis presentear a presença feminina com uns gostosíssimos doces que chegaram por volta das 23:00 horas quando veio partilhar um pouco da noite connosco (gentilezas que sabem sempre bem e ficam melhor ...)

Estavam decorridos 15:00 horas em comum. As pequenas partilhas que foram naturalmente surgindo tomavam forma e já havia entre o grupo o que se pode designar por familiaridade.

E a noite foi correndo ...

Um dos elementos da Cruz Vermelha atacou um tal de Casal Garcia ... mas mais não se pode dizer.

O amanhecer surgiu silenciosa ... um ou outro canto de ave fez-se ouvir.

Rapidamente se desfaz o acampamento (coisas de quem sabe ...)

10:30 - Fotografia dos "reais" participantes.

Retoma-se a caminhada. Mais 18 km nos esperavam até ao Cabo da Praia.

Caldeira da Agualva, lagoinhas, Pico do Boi, Pico Silveira e Canada do Golfo; aqui apanhou-se a Via rápida (mais uma vez alguém se manifestou

contra o piso, na verdade de caminhantes de montes e vales ...).

O desagrado é tanto que alguns fazem o percurso nas viaturas de apoio ...

Atravessam-se alguns pastos da Achada em direcção à Serra do Cume (como foi difícil a sua subida!). E é aqui que se almoça (13:45). Como foi custoso também retomar o caminho, mas agora na descida da Serra em direcção às Tronqueiras. Este último troço do percurso foi aproveitando pela "repórter da Rádio Radical" para recolher alguns apontamentos para esta crónica junto dos participantes. Todos os participantes, até mesmo os que se apresentavam à reportagem "afónicos", manifestaram o seu agrado pela participação na "Travessia Radical" e não se escusaram em dar os parabéns aos organizadores. Mas o apontamento de reportagem mais conseguido foi de facto o dado pelo Pereira, desinibido perante o "MicrofonOsso": disse de sua justiça e das suas crenças.

Chegados às Tronqueiras ainda houve forças para ir tocar a água do Oceano e, agora sim, de lés a lés estava concluído o trajecto.

Mas antes não queremos deixar de registar o empenho e colaboração sempre presente da Cruz Vermelha. Aqui fica desde já o agradecimento por

parte da Associação de "Os Montanheiros" à Cruz Vermelha, pois estamos crenes que sem a sua cooperação a "Travessia Radical" teria ficado comprometida.

Seguiram-se os cumprimentos do tipo "Até à vista" ... E no ar já pairava uma outra Travessia Radical, mas feita num só dia ...

Posteriormente aos apontamentos da reportagem feitos, soube-se que, de regresso, no veículo da Cruz Vermelha, o grupo de 18 elementos que ali se faziam transportar brindavam com o néctar de uma garrafa escolhida para o efeito.

O ânimo estava lá ...

"A Lei suprema do espírito é caminho

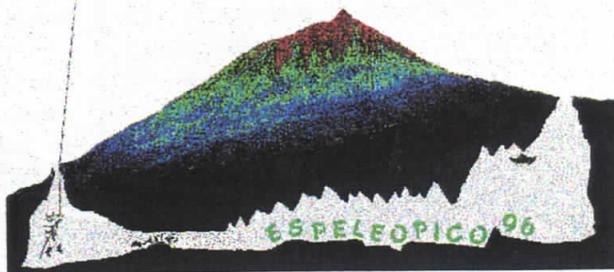
Sempre em busca de coisas belas,

de coisas novas."

Antero de Quental

Felicitações aos organizadores, participantes e a todos quantos colaboraram para que 38 Km entre Picos e Canadas tivessem de todo valido pena e feito jús às palavras do poeta...

OS MONTANHEIROS



José Maria Botelho

Com o objectivo de prosseguir o inventário das cavidades vulcânicas dos Açores, “Os Montanheiros” deslocaram-se à Ilha Montanha, designadamente à área pertencente ao concelho da Madalena, onde existe o maior número de tubos lávicos, alguns de inegável interesse científico, outros oferecendo todas as condições como um atractivo turístico. Foi na freguesia da Candelária onde incidiram a maior parte dos trabalhos desta missão que vamos passar a descrever.

A missão denominada “ESPELEOPICO 96” decorreu entre os dias 5 a 11 de Setembro. Fizeram parte desta expedição os seguintes elementos: Jorge Silva, Fernando Pereira, Luís Vasconcelos, Paulo Barcelos, José Duarte, Sandro Silva, Gerardo Pereira e José Maria.

A equipa partiu da Terceira pelas 9H30 no dia 5 de Setembro, em AVIOCAR da F.A.P. com chegada à freguesia das Bandeiras trinta minutos depois, onde nos aguardavam duas viaturas, uma dos Bombeiros Voluntários da Madalena e, outra da Câmara Municipal da Madalena, gentilmente cedida a tempo inteiro pelo Presidente da Edilidade.

Os elementos da expedição ficaram instalados (bem instalados) nas dependências da Casa do Povo da Criação Velha.

Na tarde do dia 5, o grupo de trabalho deslocou-se à Gruta das Torres com a finalidade de colocar armadilhas “PITFALL” para recolha biológica, adaptadas à captura de “ artrópodes”, ou “armadilhas Barber”. São colocadas, geralmente, no solo da gruta,

enterradas com abertura ao nível do chão, ou rodeadas por pedras a formar rampas de acesso à abertura aos animais.

No interior do recipiente, num copo de plástico com tamanho variável (consoante os casos) coloca-se uma mistura de atractivo e conservante, o Turquin, (cerveja preta, ácido acético, formol e hidrato de cloro). Um pouco de queijo ou fígado pode igualmente ser colocado suspenso sobre a abertura da armadilha.

Foi este o método utilizado pelo Dr. Paulo Borges, em Março de 1991, aquando do levantamento topográfico à Gruta das Torres feito por uma equipa de sete elementos de “Os Montanheiros”, da qual fez parte.

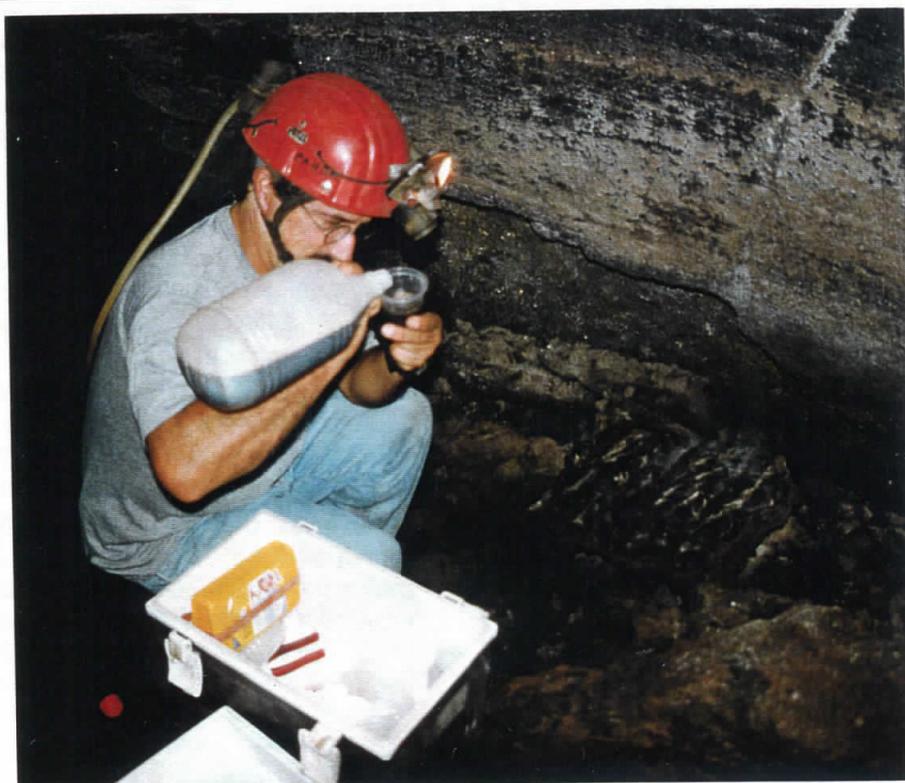
O mesmo método foi agora utilizado por Fernando Pereira e auxiliado pelos restantes elementos desta expedição.

Em 1991, durante a missão “Torres 91” foram recolhidas várias espécies.

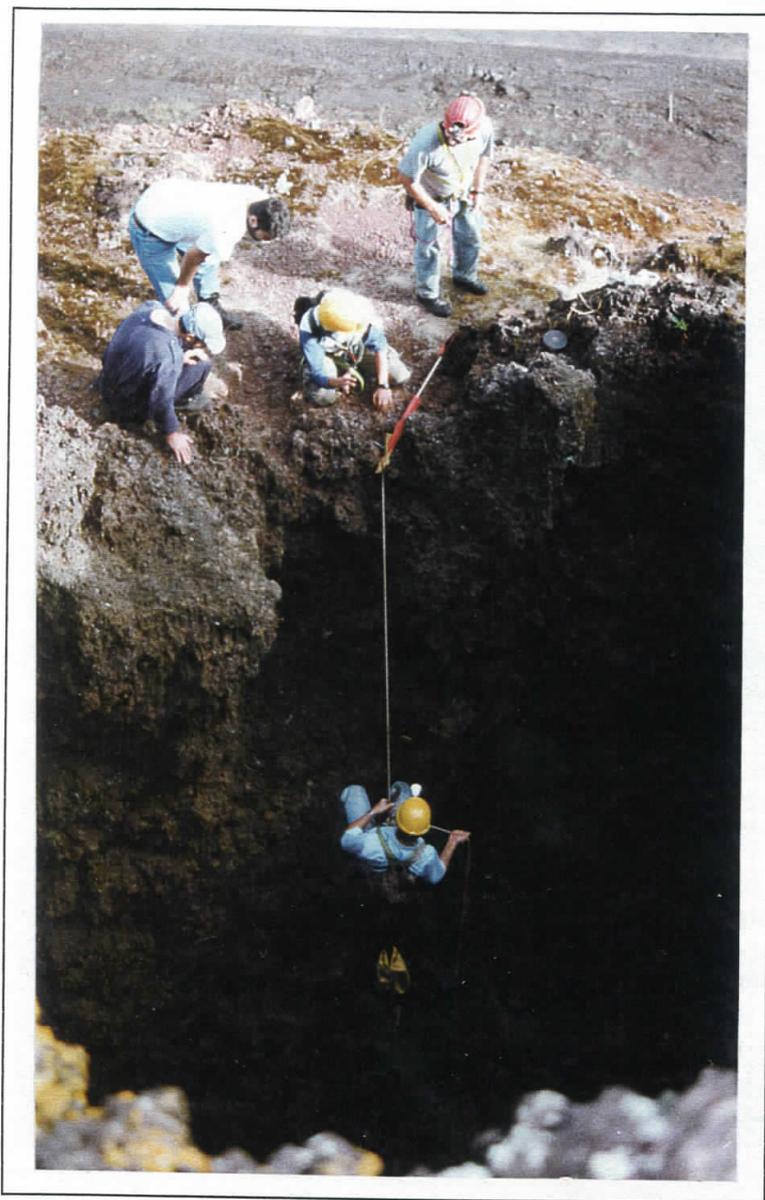
A razão da montagem destas armadilhas é saber da existência de fauna cavernícola a proteger, aconselhando-se, então, a que (se for o caso) esta gruta só seja visitada por pessoas motivadas para este tipo de actividade de carácter científico.

No dia 6 de Setembro, procedeu-se à descida ao Algar do Cabeço da Negra no Campo Raso.

Com uma altura de 24 metros, este algar não faz ligação



Fotografia n.º 1 - Fernando Pereira, montando uma armadilha “PITFALL” na Gruta das Torres.



Fotografia n.º 2 - Luís Bettencourt descendo ao Algar do Cabeço da Negra, com o auxílio de cordas.

(como se supunha) à gruta no mesmo cabeço situada a jusante e que por nós foi explorada em Junho de 1994. Nas paredes deste algar, predomina enorme quantidade de escorrimentos em forma de pingos de lava, com características idênticas à Gruta do Frei Matias, no troço do pequeno hornito, a 5 metros de profundidade.

Da parte da tarde fez-se a descida ao Algar e Gruta do Canto da Serra, situada na Serra das Velhas, também na freguesia da Candelária, a qual já tinha sido explorada pelo grupo de espeleologia do Ciclo de Amigos da Ilha do

Pico. Aproveitou-se para fotografar as partes mais interessantes desta linda cavidade e para as respectivas medições. O Algar tem 11 metros de altura e a gruta tem um total de 480 metros de extensão.

Trata-se de um tubo lávico bastante interessante com formações bem específicas, principalmente nos escorrimentos das paredes da cavidade e nos tectos, que apresenta grande quantidade de estalactites "cónicas" (em forma de pequenas tetas), e "irregulares," que são formadas pela viscosidade da capa que fica aderida ao tecto

do tubo lávico, a qual não chega a gotejar, mas desgarra-se em pedaços disformes que dão lugar a este tipo de estalactites.

Acreditamos que este tubo vulcânico tenha feito parte da celebre Gruta dos Vimes (situada ali nas redondezas) e que foi visitada no século passado pelo ilustre escritor faialense Ernesto Rebelo.

É de louvar, o bom trabalho ali efectuado pela junta de freguesia da Candelária, protegendo a entrada com uma parede "dobrada" em redor do pequeno algar.

Lamentamos é que alguém, (?) sem escrúpulos, continue a desrespeitar o trabalho e a boa vontade das pessoas que se interessam em preservar o rico património do subsolo Picoense.

Aproveitou-se o resto da tarde para se fazer a prospecção a uma pequena gruta a montante do Cabeço Bravo, muito obstruída e de pouco interesse. Ainda houve tempo para explorar três algares nas imediações da entrada de baixo da Gruta das Torres, os quais, para além da sua pequenez, nada têm de interessante.

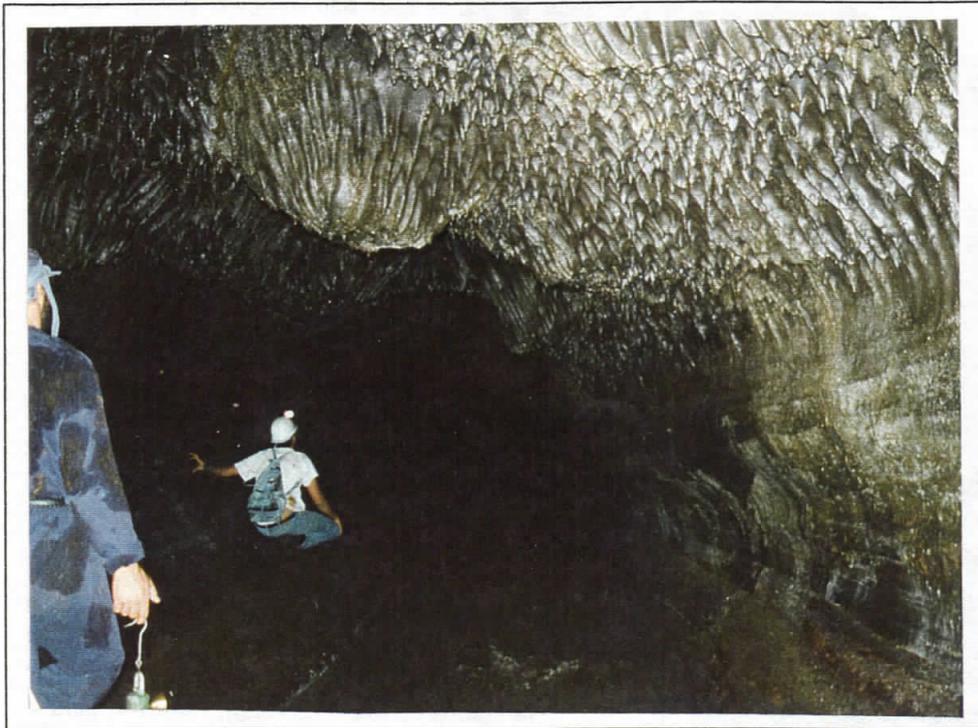
Na manhã do dia 7 (Sábado), rumou-se para a freguesia das Bandeiras. Deu-se início aos trabalhos de levantamento topográfico (espeleométrico) à Gruta dos Túmulos, situada em terreno pertencente a Albino Terra Garcia, o picoense que mais se tem interessado pela espeleologia e que muito tem colaborado com "Os Montanheiros". Como bom conhecedor das cavidades a explorar, tem nos fornecido importantes dados durante as nossas expedições à ilha do Pico.

A Gruta dos Túmulos não era novidade para "Os Montanheiros". Em 1993, na missão "Espeleovimes", fizemos uma visita aquela jóia vulcânica, onde se filmou e fotografou as belas formações daquela cavidade. Ficámos encantados com as formações espectaculares visíveis em toda a sua extensão. Neste número, na rubrica "Grutas e Algares dos Açores" (página 25), damos mais pormenores das belezas deste tubo vulcânico.

Ainda de manhã conseguiu-se ver a pequena Gruta da Gajeira, também na freguesia das Bandeiras, a qual se pressupõe de alguma dimensão. Todavia, trata-se apenas de duas salas sem continuação, aproximando-se dos 70 metros de comprimento.

A tarde do dia 7, foi ocupada com a exploração ao Algar do Cabeço do Dório de Cima, na freguesia da Candelária. Este algar está implantado numa cratera bem definida e bastante íngreme, mas encontra-se coberto por densa vegetação, o que, em parte, dificultou a progressão até chegar perto da abertura, a qual não passa de uma grande fenda com 39 metros de altura.

No dia 8 de Setembro (Domingo), contactamos com o senhor José da Silva, da Candelária, grande conhecedor daquelas paragens, que gentilmente nos acompanhou e nos orientou na localização de dois algares no Cabeço do Miradouro e duas cavidades nas imediações do Cabeço do Dório

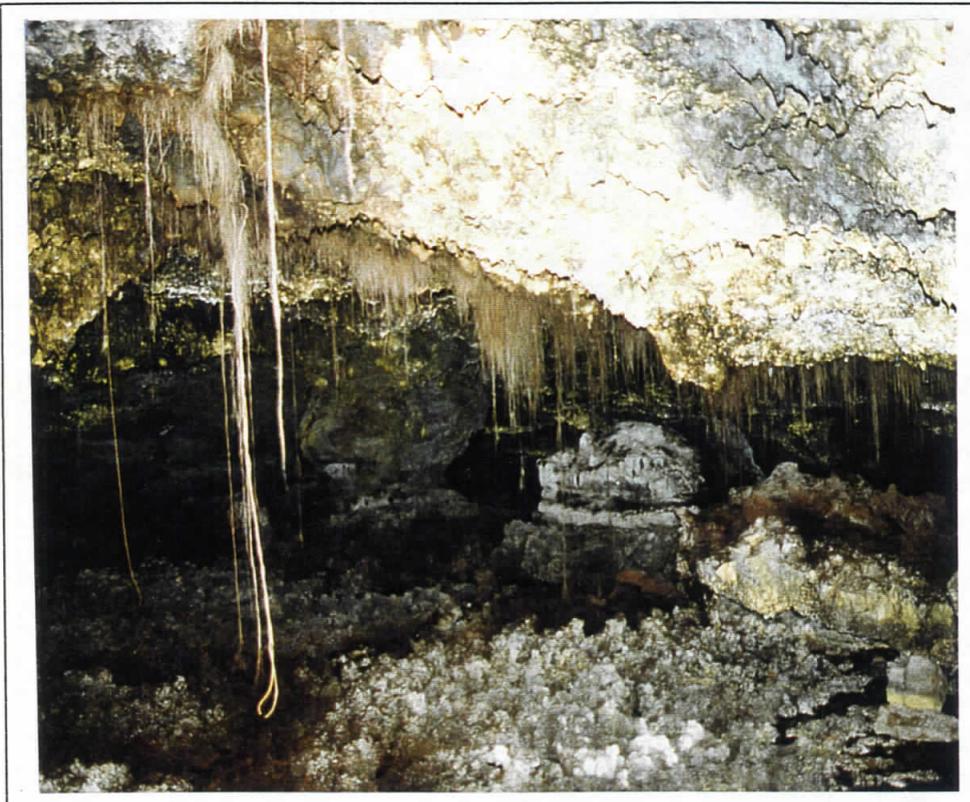


Fotografia n.º 3 - Gruta do Canto da Serra - Observe-se a grande quantidade de estalactites cónicas nas paredes e tecto e a grande beleza deste segmento da gruta.

de Cima.

Procedeu-se à exploração do Algar do Miradouro a montante do outro algar no mesmo cabeço. Foi descido por um elemento da equipa, que caminhou

sobre alguns desabamentos que terão obstruído o algar alguns metros mais adiante, deixando antever que este algar faz ligação com o outro que foi por nós explorado aquando da missão



Fotografia n.º 4 - Gruta do Dório de Cima - Em primeiro plano vêem-se as raízes que pendem do tecto, através das fendas existentes na pedra.

“Espeleovimes” em Outubro de 1993

Na parte da tarde, efectuou-se a descida a um pequeno algar situado no Cabeço do Dório de Baixo, (acima do Cabeço do Miradouro), com a boca coberta pela vegetação. Tem apenas 8 metros de profundidade.

Nas proximidades do Cabeço do Dório de Cima procedeu-se à exploração e medição à Gruta do Dório de Cima. Esta cavidade vulcânica com várias ramificações (algumas rastejantes) apresenta um total de 344 metros de comprimento. Trata-se de um tubo de lava com boas formações lávicas, com a particularidade de, em vários pontos da gruta, possuir inúmeras raízes provenientes da vegetação (incenso nomeadamente) as quais, penetrando pelas fendas existentes no tecto da cavidade, pendem em grande quantidade. Algumas atingem o chão e enrolam-se, dando um aspecto de singular beleza.

Ainda na tarde do dia 8, aproveitou-se o restante tempo para explorar e medir a Gruta do Dório de Baixo, situada uns 100 metros mais abaixo numa mata de incenso. A única entrada faz-se por um pequeno buraco com pouco mais de 1 metro de diâmetro. O troço principal não ultrapassa os 100 metros. De qualquer modo percorreu-se toda a cavidade, o que permitiu concluir tratar-se de uma gruta com várias galerias de pequenas salas e passagens estreitas, mas interessantes no seu conjunto. As formações que mais a caracterizam são as correntes de lava de tom avermelhado sobrepostas ao pavimento principal na parte final da cavidade.

O dia 9 de Setembro (Segunda-feira da Serreta), foi inteiramente ocupado na Gruta do Cão situada numa mata de incensos, no lugar das “Casas Velhas”, também na freguesia



da Candelária. Esta cavidade apresenta, em toda a sua extensão, formações de rara beleza: grandes bancadas de lava; estalactites e estafilitos; o pavimento apresenta, nalgumas partes do troço, lava escurecida do tipo "aa" bastante amontoada, rugosa e áspera. Existe também algumas ramificações com rastejos de dificuldade acentuada. Mas, as principais características desta gruta são os tipos de lava que apresenta nalgumas partes dos troços, designadamente lava "cordada" avermelhada (parecendo grandes cordas enroladas), correntes de lava, também de tom avermelhado, sobrepostas ao pavimento anteriormente existente, lava lisa do tipo "pahohé" e, noutros pontos, escorrimentos de lava assemelhando-se a "papel amarrutado". Mas, o que mais nos prendeu a atenção foi a presença de lava "rendilhada" em vários pontos do pavimento da cavidade e cuja existência só conhecíamos na espectacular Gruta dos Túmulos, nas Bandeiras.

Esta cavidade, com 770 metros de comprimento (ramificações incluídas), tem cinco entradas, três das quais de boas dimensões. Tem também a particularidade de no início da primeira entrada existir um pequeno tubo lávico com 70 metros de comprimento por baixo do troço principal. O acesso é feito por um pequeno orifício de 50 centímetros de largura. Lá dentro pode-se ver estalactites em forma de "cortina" e vários estafilitos. Estes são formados durante as reacções oxidativas que originam a refusão da película que reveste o tubo lávico. Este goteja copiosamente sobre o solo e as gotas ao cair esfriam, empilhando-se pingo sobre pingo, erigindo assim, um estalafilito.

A gruta com maior número deste tipo de estalagmite (formada por pingos de lava), infelizmente, já não pode ser visitada, porque as entradas foram entulhadas (?) pelo proprietário.

Tratava-se precisamente do troço mais espectacular da Furna do Frei Matias.

Ainda nesta Gruta do Cão, foi encontrado, numa das ramificações, um esqueleto intacto de um cão, daí a razão de ser por nós baptizada



Fotografia n.º 5 (em cima) - Pereira descendo ao Algar do Mira-douro de Baixo.

Fotografia n.º 6 (em baixo) - Na entrada da Gruta do Dório de Baixo.



A tarde do dia 10 foi inteiramente dedicada a uma visita à Gruta das Torres. A nosso convite, acompanhou-nos o senhor Secretário Regional do Turismo e Ambiente, o Presidente da Câmara Municipal das Lajes e o Presidente da Junta de Freguesia da Criação Velha. Dada a grande extensão desta gruta, optou-se por visitar a parte mais imponente situada entre as duas entradas, com 600 metros de comprimento e onde revela as maiores alturas. É, também, a parte que apresenta todas as condições para uma exploração turística. Ao longo do percurso, aproveitou-se para se fazer a recolha das armadilhas que ali foram colocadas uns dias antes.

Esta enorme cavidade, com cerca de 4 500 metros de comprimento (talvez a maior gruta dos Açores) possui



Fotografia n.º 7 (em cima) - Galeria principal da Gruta do Dório de Baixo.

Fotografia n.º 8 (em baixo) - Corrente de lava vermelha sobreposta ao pavimento principal.

de Gruta do Cão.

Lamentamos que não exista ainda legislação para protecção e preservação de cavidades como esta e de tantas outras espalhadas pelo arquipélago.

No dia 10, da parte da manhã, fomos ao lugar do

Lajido na Criação Velha, fazer as medições da Gruta dos Frades, que se suponha grande, a qual não passa de uma pequena cavidade com 51 metros de comprimento e com o pavimento de lava "aa", não apresentando formações de interesse.

notáveis formações, algumas únicas no género (falamos de cavidades por nós exploradas), com as mais interessantes situadas em túneis secundários.

O propósito da visita à Gruta das Torres foi o de mostrar às nossas entidades competentes, a viabilidade da utilização desta cavidade como um atractivo turístico.

Infelizmente, algumas das entidades locais (previamente convidadas para o efeito) não



Fotografia n.º 9 - Luís Vasconcelos e Paulo Barcelos admirando a beleza da Gruta do Cão.



Fotografia n.º 10 - Gruta do Cão - Os balcões de lava quase preenchem o lúmen da galeria.

compareceram. Estranhamente, o Grupo de Espeleologia Alpinismo e Defesa do Ambiente (GEADA) do Círculo de Amigos da Ilha do Pico (CAIP), apresentou-nos as razões da sua não comparência.

Nós respeitamos, mas não concordamos.

A propósito do comunicado, do Ciclo de Amigos da Ilha do Pico que

foi publicado no Jornal Ilha Maior no dia 13 de Setembro de 1996, queremos (sem querer entrar em polémicas) esclarecer o seguinte:

Em Março de 1990, “Os Montanheiros” deslocaram-se à ilha do Pico numa expedição denominada “Missão Montanha”, explorando várias cavidades, das quais, a Gruta das Torres foi a que mais nos prendeu

a atenção, de tal forma que, no ano seguinte, deslocámo-nos à ilha do Pico com o objectivo proposto de fazer o levantamento topográfico daquela imponente gruta. A expedição foi intitulada de “Missão Torres 91”, inteiramente ocupada pela exploração daquela cavidade, dado a sua grande extensão.



Fotografia n.º 11 - Lava rendilhada - pormenor do pavimento da Gruta do Cão.

Procedeu-se também às filmagens das partes mais interessantes daquele enorme tubo lávico, as quais cedemos à R.T.P. Açores com a finalidade de dar a

conhecer toda a beleza daquela imponente cavidade, lembrando que aquele tubo lávico oferecia todas as condições para uma exploração turística. Alertámos as

entidades competentes, designadamente o Presidente da edilidade da Madalena e o Secretário Regional do Turismo e Ambiente de então, oferecendo todos os nossos préstimos para que no ano seguinte fizéssemos uma demonstração eléctrica no troço de cima da Gruta das Torres. Para tal efeito, havia que fazer deslocar o nosso Gerador de 35.000 Watts ao serviço no Algar do Carvão.

Sempre foi nossa intenção dar a conhecer ao público esta e outras belezas escondidas existentes na região e incentivar as entidades regionais para estudar a viabilidade de utilização como futuro ponto turístico daquela que pensamos ser a cavidade mais relevante da ilha do Pico e uma das mais importantes dos Açores.

Aquando da Missão "Arcospel", também em 1991, foi-nos solicitado pela Câmara Municipal das Lajes que efectuássemos um estudo completo à Gruta do Soldão, no Mistério da Silveira, com vista ao mesmo fim.

O mesmo aconteceu em Outubro de 1970, aquando da exploração à Gruta dos Montanheiros, (no tempo baptizado por Algar Monstruoso), na qual, apesar de enfrentarem dificuldades de vária ordem, "Os Montanheiros", no ano seguinte e com o apoio da Câmara Municipal de S. Roque



Fotografia n.º 12 - Lava rendilhada - pavimento da Gruta do Cão.



Fotografia n.º 13 - Lava "cordada" e distorcida - Gruta do Cão.

O Pico

eu cargo e no livro e uma escritura de casa, MARIA DE OS, naturais ele da e concelho de São e Cais do Pico, se rio rústico sito no e arvoredo, com a tas Gomes, do sul predial rústica em do Registo Predial

ter sido doado por los no regime da io Manuel Silveira residentes na Rua

hecimento de toda nã posse pacífica, e de proprietários. aquisição da quele lhes permita fazer

o de 1996.

la Silva

Pico

Livro de notas para contra exarada uma a qual JOSÉ LEAL ão geral, naturais e gítimos possuidores anque e reduto com netros quadrados, a sia de São Caetano, le Melo e oeste com artigo número 244,

de que são titulares, erem comprado por residente na cidade

êm há mais de vinte ma correspondente ando os respectivos

Círculo de Amigos da Ilha do Pico

Comunicado

O Grupo de Espeleologia do Círculo de Amigos da Ilha do Pico (G.E.A.D.A.), com provas dadas ao serviço da exploração espeleológica e defesa ambiental, passa momentaneamente por uma fase de menor actividade. Razões para tal são menos imputáveis à falta de diligência dos seus elementos do que à barreira encontrada face aos poderes públicos junto dos quais temos solicitado auxílio, nomeadamente, para ser conseguido um espaço destinado à sede do Grupo, bem como para aquisição de materiais necessários a qualquer actividade de campo.

Tal não significa que não nos mantenhamos interessados em continuar a actividade espeleológica, ou que tenhamos abandonado projectos nesta área. Por ainda continuarmos em actividade (embora de um modo latente). Surpreendidos ficámos, com o convite dirigido ao Presidente do C.A.I.P. formulado pela Associação "Os Montanheiros", da ilha Terceira, para fazer parte de

uma expedição à Gruta das Torres, na Criação Velha, no dia 10 do mês corrente, com a presença de várias entidades, incluindo o Sr. Secretário Regional do Turismo e Ambiente.

Nada nos move contra esta acção, nem nada nos opõe à Sociedade de Exploração Espeleológica "Os Montanheiros", que aliás, tem desenvolvido profícua e louvável actividade na nossa ilha, inclusive em colaboração com o G.E.A.D.A.. Estranhámos, no entanto, que o Grupo de Espeleologia local e próprio Círculo de Amigos, como associação de ambiente e defesa do património, tenham sido ignorados na preparação da referida visita, sobretudo por que tal iniciativa estava incluída nos projectos do nosso grupo com conhecimento de algumas entidades oficiais que nesse sentido nos prometeram apoio, tendo até sido marcada a visita (ao mesmo local...) para o dia 10 de Junho p.p. e, posteriormente, adiada a pedido das mesmas entidades

que inicialmente se haviam mostrado disponíveis e interessadas.

Não considerando, embora, a monumental gruta das Torres como nosso património exclusivo, estranhámos que nesta acção, apoiada pelos poderes públicos, se tenham ignorado as associações locais tomando ou oferecendo a outros a responsabilidade dum projecto que já era nosso. Mais espantoso ainda nos parece o facto de ser uma associação estranha à ilha a convidar o Círculo de Amigos da Ilha do Pico e o próprio grupo de espeleologia (que colaborou na descoberta e exploração dessa gruta) para a referida visita.

Porque cada vez mais sentimos ignorados pelas instituições públicas aqui registamos o nosso protesto.

Círculo de Amigos da Ilha do Pico

Grupo de Espeleologia Alpinismo e Defesa do Ambiente (G.E.A.D.A.)

Centro de Prestações da Horta

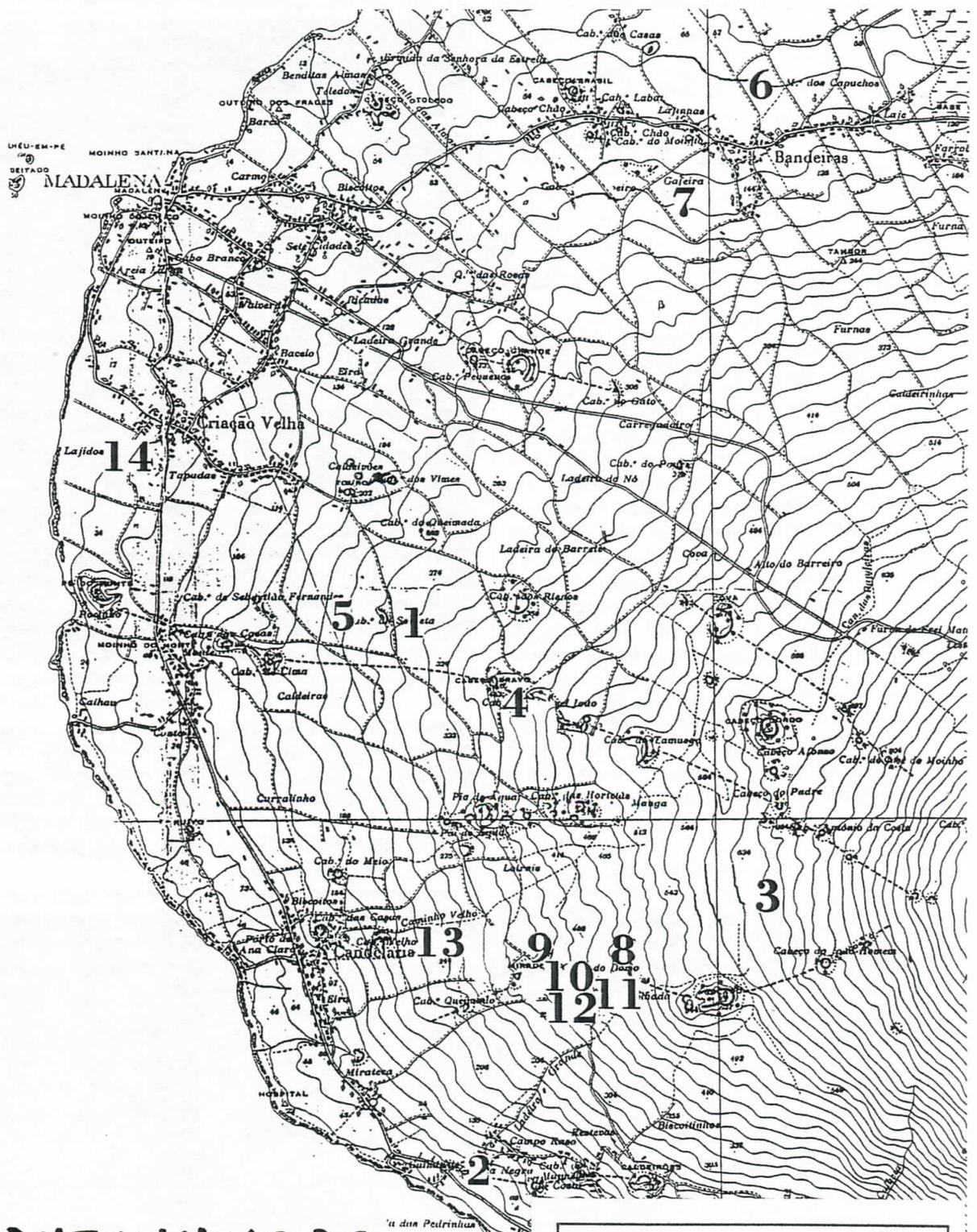
Trabalhadores Independentes

Aviso

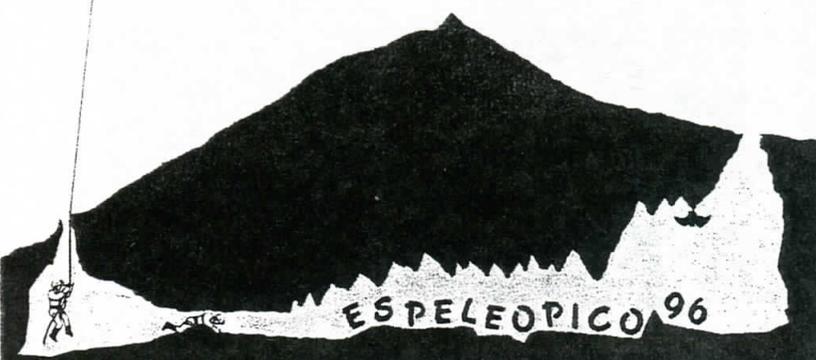
Setembro e Outubro

Durante estes dois meses podem os interessados alterar o seu escalão contributivo, situação que produzirá efeitos a partir de Janeiro de 1997.

A alteração do escalão determina a subida ou descida do salário sobre que incidem as



OS MONTANHEIROS



Gruta das Torres.....	1
Algar do Cabeço da Negra.....	2
Algar e Gruta do Canto da Serra.....	3
Gruta Pequena do Cabeço Bravo.....	4
Algares da Gruta das Torres.....	5
Gruta dos Túmulos.....	6
Gruta da Gajeira.....	7
Algar do Cabeço do Dório de Cima.....	8
Algar do Miradouro.....	9
Algar do Cabeço do Dório de Baixo.....	10
Gruta do Dório de Cima.....	11
Gruta do Dório de Baixo.....	12
Gruta do Cão.....	13
Gruta dos Frades.....	14

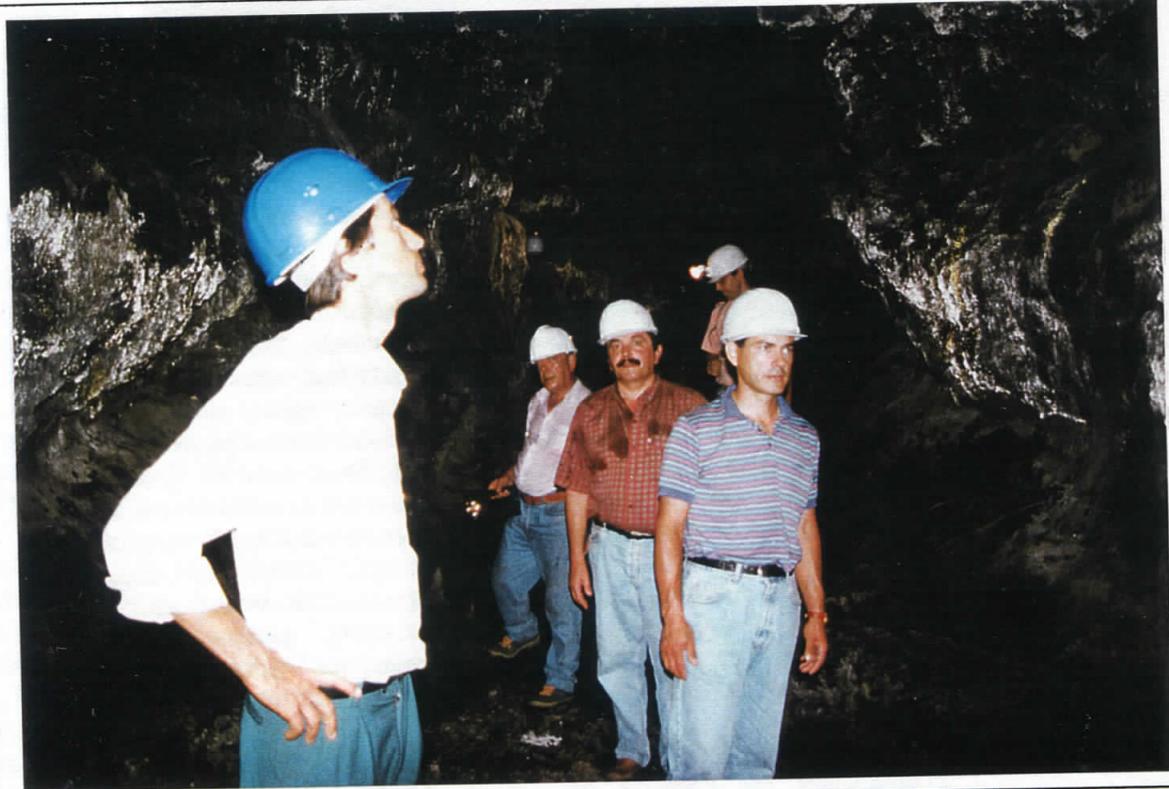


“bater o pé” afirmando que este ou aquele projecto é nosso. Nunca foi nossa intenção “roubar” ideias ou projectos a ninguém. Não queremos apenas participar, queremos também colaborar e pensamos que se todos agissem como nós e trabalhassem em conjunto para o mesmo fim, tudo seria mais fácil. Ninguém levanta uma tonelada sozinho.

Ninguém nos ofereceu nada, nós é que oferecemos os nossos préstimos dando (com abnegada vontade) mais força a um projecto que pensávamos ser do interesse de todos os Picoenses.

Ignoramos bairrismos e partidarismos. Trabalhamos por uma causa desde os tempos primórdios da nossa colectividade (já lá vão mais de três décadas), que tem sido sempre o nosso lema no dia a dia - trabalhar, sempre, a bem dos Açores.

Ainda a propósito do referido comunicado, o que nos causou mais espanto é continuarmos a ser uma “Associação estranha



Fotografia n.º 14 (em cima) - O esqueleto do cão que deu origem ao nome da gruta, numa das ramificações sem saída da gruta.

Fotografia n.º 15 (em baixo) - Na Gruta das Torres com o anterior Secretário Regional do Turismo, Presidente da Câmara Municipal das Lages e Presidente da Junta de Freg. da Creação Velha.

prosseguram com os trabalhos da escadaria de acesso e electrificação no interior, com a finalidade de dar a conhecer a todos os Picoenses, as formações espectaculares daquela maravilha subterrânea traçada pelas forças da Natureza.

Electrificar uma gruta, como a das Torres, não é tarefa fácil, dado a sua grande

imponência, mas de bom grado, procederemos a esse trabalho se para tal formos solicitados pelas entidades interessadas, aliás, como já o fizemos (por várias vezes) na Furna do Enxofre na Ilha Graciosa, nas Grutas das Agulhas e do Natal (Ilha Terceira).

Não nos interessa sermos os primeiros, nem pretendemos

à Ilha do Pico” (?). E chegámos a pensar (não passou de pensamentos), que éramos bem conhecidos dos Picoenses, dado as dezenas de expedições que lá fizemos durante três décadas, percorrendo e explorando as mais diversas cavidades vulcânicas da Ilha Montanha. Estranho, não é!...

Enfim, passaram-se anos, perderam-se memórias, mas as obras ficaram.

As nossas actividades têm-se estendido ao longo dos anos por todas as ilhas do



Fotografia n.º 16. - A equipa de "Os Montanheiros" que participou na Espeleopico96. Da Esquerda para a direita e em pé - José Maria Botelho; Luís Vasconcelos Bettencourt, Gerardo Pereira, Paulo Barcelos, Jorge Silva. em baixo, da esquerda para a direita: Fernando Pardal (o "Prof. Pardal") e Sandro Silva.

Arquipélago. O nosso subsolo, representa uma parte da nossa história.

Sempre nos dispusemos a tais objectivos. Sempre demonstrámos interesse em colaborar com quem quer que fosse (sem olhar a bairrismos). Sempre com a preocupação constante de dar a conhecer autênticas maravilhas do subsolo açoreano e incentivar as populações para a preservação das mais significativas cavidades vulcânicas da região. Sempre com o propósito de contribuirmos para o engrandecimento dos Açores.

E para que tudo fique mais claro, vamos resumir aqui, em poucas palavras como é que nasceu a "história dos convites"!

A 20 de Maio de 1996, "Os Montanheiros" reuniram com o Secretário da S.R.T.A. para acertar os pormenores da difícil tarefa que iriam proceder à Ilha das Flores, na limpeza de vegetação infestante da Rocha dos Bordões. No decorrer dessa reunião falámos nas mais importantes cavidades dos Açores, das quais destacámos a Gruta das Torres como sendo uma cavidade de interesse para uma futura exploração turística e

lembrámos que "Os Montanheiros" se iriam deslocar em Setembro à ilha do Pico para mais uma missão espeleológica. O senhor Secretário manifestou interesse no sentido de nos acompanhar, pedindo-nos que lhe participássemos antecipadamente.

E assim foi. Conforme o que estava acertado, contactámos o senhor Secretário, uma semana antes da nossa partida para a ilha do Pico, dando-lhe conhecimento do dia e da hora em que iríamos à Gruta das Torres. Respondeu-nos que estava disponível e pronto a acompanhar-nos e entendeu, por bem, serem "Os Montanheiros", e não a S.R.T.A., a dirigir os convites aos senhores Deputados pela ilha do Pico, aos presidentes das Câmaras dos três concelhos e ao Grupo de Espeleologia do Círculo de Amigos da Ilha do Pico (GEADA), os quais já tinham demonstrado interesse no aproveitamento daquela cavidade para uma exploração turística. Concordámos plenamente e pensámos que esta visita à Gruta das Torres iria finalmente trazer bons resultados para o objectivo por todos (?) pretendido.

Afinal, nem tudo aconteceu como desejávamos. Dos vários

convidados, apenas três nos acompanharam, os restantes entenderam não comparecer, alguns, apresentaram razões que nós, "Os Montanheiros", embora respeitando, continuamos a não entender. Alheios a tudo isto, estamos de consciência tranquila, agimos com a melhor das intenções e com a perspectiva de dar o nosso contributo na divulgação de tudo o que se relacione com o subsolo Picoense e dos Açores em geral.

O Grupo de Espeleologia Alpinismo e Defesa do Ambiente (GEADA), queixa-se da falta de apoios por parte das instituições públicas, não obstante, se dedicarem de alma e coração na exploração das cavidades vulcânicas (e são muitas) e preservação e protecção do património natural existente da ilha do Pico. Para eles, daqui enviamos toda a nossa solidariedade. Diga-se com toda a justiça que já é tempo desse grupo de carolas ter os devidos apoios. Já basta de promessas e palavras de consolação. É hora de as entidades Picoenses e Regionais darem a devida atenção aqueles que nos dias de descanso semanal ocupam-se em tarefas, por vezes arriscadas, na exploração de grutas e algares com

abnegada vontade e alegria de dar a conhecer aos outros toda a beleza que a Natureza realizou, sem auferirem, muitas vezes, outra recompensa que não seja a ingratidão. Sem apoios de ninguém, estes rapazes DÃO UM EXEMPLO DO MAIOR CALIBRE “aqueles” que, claramente, pouco se preocupam com aquilo que se pode realizar, numa terra onde há tanta coisa para fazer, quer na espeleologia, quer na defesa do ambiente.

Isto só por si, constitui uma faceta que merece todo o APOIO, ESTÍMULO E RESPEITO.

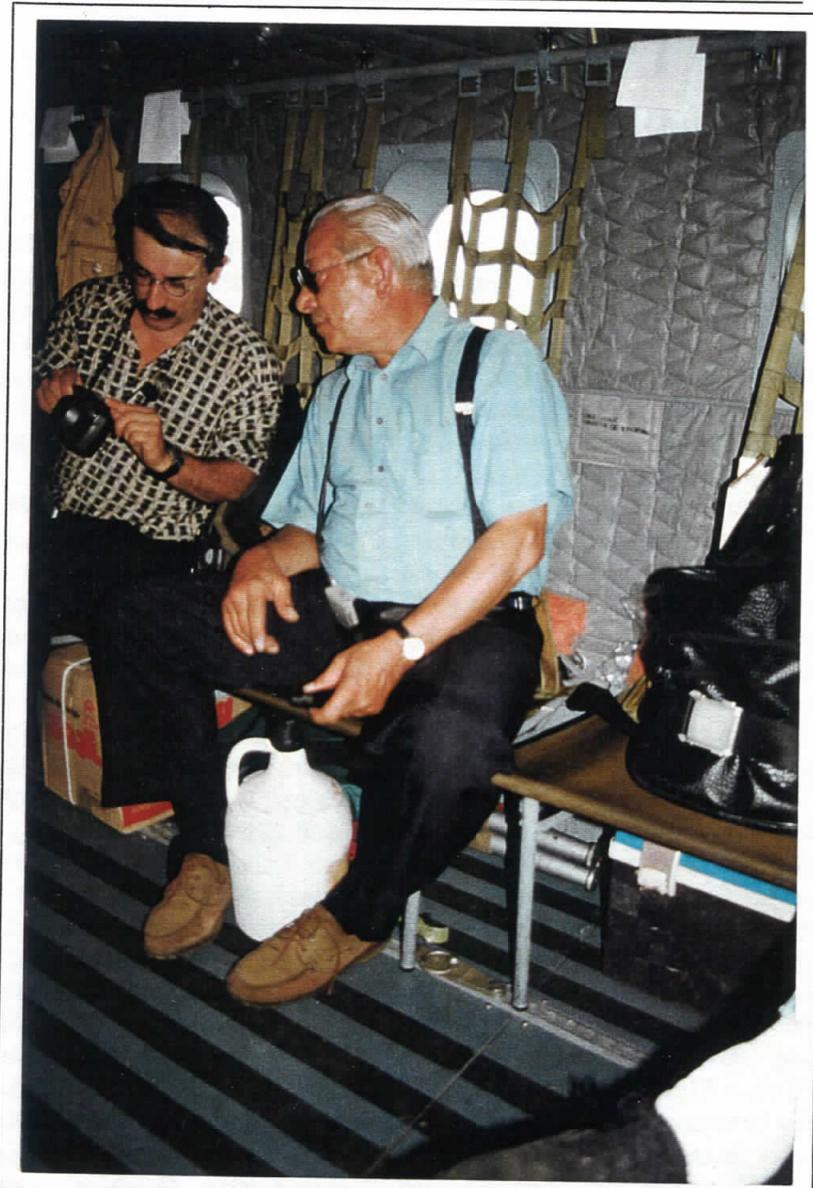
Estamos em condições de testemunhar que no dia em que as entidades dispensarem as ajudas necessárias a este grupo de rapazes para continuação das suas prestimosas actividades, certamente virão, por acréscimo, os trabalhos predominantes e atractivos do ponto de vista turístico, dando assim um passo decisivo no sentido de elevar a ilha do Pico como um dos maiores centros turísticos nacionais em vulcanoespeleologia, sabido que, noutras regiões do País se tem tirado proveito de belezas naturais MUITO INFERIORES ÀS BELEZAS ESCONDIDAS NO RIQUISSIMO SUBSOLO DA ILHA MONTANHA.

E pronto, aqui ficaram resumidos os trabalhos e peripécias da expedição “ESPELEPICO 96”.

A manhã do dia 11 foi quase toda ocupada no encaixotamento do nosso material (mais que necessário para expedições deste género). Aproveitou-se o restante tempo para expressarmos os nossos agradecimentos às pessoas e entidades que mais de perto colaboraram com “Os Montanheiros”.

Eram 14H30 quando a equipa expedicionária de “Os Montanheiros” deixaram a majestosa Ilha do Pico a bordo do AVIOCAR da F.A.P. rumo à Terceira.

Em nome da equipa que operou esta expedição, “Os Montanheiros” agradecem a todas as pessoas e entidades que tornaram possível o bom êxito desta missão, designadamente: à Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, no transporte de e para o Aeroporto das Lajes; ao Comando da F.A.P. e respectivas tripulações do AVIOCAR, no transporte de e para a ilha do Pico; à Câmara Municipal da Madalena, pela cedência de uma viatura a tempo inteiro; ao Engenheiro José Andrade Ferreira, também pela cedência de uma viatura nos dias 7 e 8 (Sábado e Domingo); à direcção da Casa do Povo da Criação Velha, que disponibilizou as instalações para alojamento do nosso pessoal; ao Comandante dos Bombeiros Voluntários da Madalena, pela disponibilidade que demonstrou nesta e noutras expedições em colaborar sempre com “Os Montanheiros”; ao Presidente da Junta de Freguesia da Criação Velha; a Albino Terra Garcia, nosso colaborador



Fotografia n.º 17 - De regresso a casa, Jorge Silva, Presidente de “Os Montanheiros”, ouve a conversa de Fernando Pereira, sem perder de atenção o bem precioso conquistado nesta expedição e que segura entre os pés, não vá fugir - um garrafinho de verde, claro está!

de sempre e velho amigo de “Os Montanheiros”; a Sr. José da Silva, da Candelária, que deixou os seus afazeres para nos acompanhar e informar da localização de algumas cavidades; e ao José Eduardo Nunes (José Maria), também nosso velho amigo que sempre nos tem acompanhado como condutor da viatura do departamento governamental das Obras Públicas e que nos tem fornecido importantes dados durante as nossas expedições. Apraz-nos registar a ténpera deste picoense, grande conhecedor da ilha e amigo da sua Terra.

Finalmente, queremos também agradecer a todos os

Picoenses que conosco colaboraram, demonstrando um louvável interesse em contribuir para o bem da sua ilha.

A todos muito obrigado

José Maria Botelho

Extracto de um artigo do Telégrafo de 17-7-71

Precisamente a 17 quilómetros do Cais do Pico, subindo pela estrada transversal e voltando para a longitudinal, junto ao hectómetro 8 do quilómetro 17, encontramos um monstruoso algar situado nos pastos da sorridente freguesia de Santo António-Pico. 200 metros o separa da estrada para os lados do mar.

Levado por curiosidade na manhã do dia 15 de Julho do corrente ano, fomos até lá e, felizmente, ali encontrámos o sr. Rafael de Azevedo, natural de Angra e Presidente da Sociedade "Os Montanheiros", a quem o Pico fica devendo mais este motivo de autêntico interesse turístico.

Em Outubro do ano passado e por indicação de um filho de S. Roque - José Manuel carolo da Rosa - Rafael Azevedo se apercebeu da grandiosidade da gruta, que sem exagero, é das maiores e única do género conhecida em todos os Açores. E ele já percorreu perto de sessenta.

Alma dinâmica e apaixonada por estas coisas, entra em contacto com a Câmara Municipal de São Roque, que apesar das suas

fracas possibilidades, lhe presta um mínimo de auxílio indispensável para que se possa inaugurar a dita gruta, no próximo dia 18, com missa, por sua Exa. Reverendíssima o Venerando Patriarca das Indias - Sr. Dom José Vieira Alvernaz.

Não sou Geólogo e muito menos me assiste requintado gosto artistico, mas, francamente, que desce os 32 degraus em madeira e entra na primeira sala (a sala de visitas onde se celebrará a primeira missa debaixo do chão, nesta ilha) não pode, de fôrma alguma, deixar de se impressionar com a grandiosidade deste fruto vulcânico.

Com o chão todo coberto com mantos de lava cordada, e, aqui e ali, também, em lava amarrotada, percorre-se facilmente os seus 250 metros de comprimento.

Balcões gigantes (no geral, com a configuração de baleias) fazem realçar o tecto maravilhoso de uma abundância extraordinária de estalactites em lava de basalto. A média de altura e largura anda à volta dos 4 metros e apenas de rastejo terá de precorrer-se cerca de 3 e ainda assim, com 70 cm de altura. Mas paga, pois vamos de encontro a uma

bela sala rica em estalactites.

Ao norte da entrada e única saída, encontra-se a configuração de um autêntico altar em pedra, embora de proporções reduzidas e, pouco antes, um segundo andar com duas belas salas.

Foi numa destas seis salas, de proporções muito razoáveis, que fomos encontrar um esqueleto de um animal provavelmente bovino que em hora infeliz, resolveu descer, sem possibilidades de regresso. Aqui e ali notam-se perfeitamente deslocções de rocha, de tempos muito antigos. Enfim, algo de palpitante, algo de autêntico interesse turístico, algo que muito e muito valorizará esta ilha de encantos e belezas desconhecidas. Ao senhor Rafael Azevedo ficamos devendo, pessoalmente, todos estes dados e, a ilha, a descoberta deste autêntico museu de arte e beleza no seu género. Bem hajam ainda a natureza por esta achega extraordinária ao desenvolvimento turístico deste concelho.

S. Roque do Pico

F.

GRUTA DOS TÚMULOS

por Albino Terra Garcia

Na ilha do Pico é assim. A cada passo encontra-se uma gruta de grandes ou pequenas dimensões, por vezes disfarçadas num curral ou nas bermas de velhos caminhos, quando não em pleno eixo da via pública...

A gruta dos Túmulos é uma das muitas grutas que, segundo informações de gente antiga, foi encontrada há largos anos nuns terrenos de lajido situados na freguesia das Bandeiras.

Chão calcinado pela lava dos vulcões, aquela zona é propícia ao cultivo da vinha. O terreno, de tal modo fechado, obrigou tantas vezes o diligente homem do Pico a vencer a rijeza da pedra de modo a encontrar buracos ou fendas onde plantar as cepas de videira.

A rocha cedia à força do pesado martelo, segmentada por fendas abertas com a ajuda de cunhas de ferro. Assim se descobriu a entrada para a gruta dos Túmulos quando a laje se soltou, deixando à vista um pequeno buraco com pouco mais de quarenta centímetros de diâmetro médio.

Dizem também os mais antigos que esta gruta, há décadas atrás, era muito visitada, sobretudo por curiosos vindos do Faial. Depois veio a emigração generalizada e o conseqüente abandono das vinhas. A paisagem alterou-se, os matos galgaram lajidos áridos tornando-os bravios e as grutas ficaram esquecidas. Neste caso ficou também a gruta dos Túmulos, só conhecida de alguns, até que um dia alguém se lembrou de arrotear aqueles terrenos para modernos fins agrícolas. Felizmente surgiu outro alguém que, atenta e oportunamente, adquiriu esses terrenos salvando a gruta de destruição certa.

Não é fácil a qualquer um entrar na gruta dos Túmulos dada a reduzida dimensão do único buraco de

acesso. Esta entrada, vedada aos mais nutridos, é um pequeno buraco por onde se desce cerca de 1,20 m. Aliás a gruta prolonga-se sensivelmente a essa mesma altura, o que não facilita a progressão por nos obrigar a uma posição corporal incómoda. Esta pequena gruta tem 109 metros de comprimento por 9,6 de largura máxima e 1,7 de altura máxima. Se não merece reconhecimento de destaque face às suas reduzidas dimensões, revela-se no entanto de singular interesse atendendo à beleza das variadas e originais formações que se podem admirar ao longo do seu túnel. Logo de início esta pequena galeria apresenta um chão rendilhado, de cor vermelha, como se fosse uma tapete natural com motivo repetido que faz lembrar ramagens ou algas estendidas. Igualmente interessantes são as pequenas cornijas laterais onde se salientam formações esguias que fazem lembrar uma corrida de estranhos animais em linha.

A certa altura surgem, no meio da galeria, as mais originais formações que deram o nome à gruta. Parecem pequenos sarcófagos moldados pelo fogo e, se na realidade nos apetece fazer comparações com rudimentares canoas, o certo é que a ideia imediata dos primeiros visitantes levou-os a ver naquelas esculturas lávicas, cor de barro, a forma natural de túmulos autênticos. Sobre um deles pende do tecto uma raiz apumada que atravessou a laje em busca de alimento.

A cada passo deparamos com formações invulgares que nos convidam a uma apreciação pormenorizada. Há veios de lava solidificados na sua forma original como se estivessem ainda escorrendo e, no chão, vêem-se linhas em relevo semelhantes a vias férreas. Na formação dos pisos nota-se que as lavas

arrefeceram rapidamente criando uma crosta sólida e avermelhada em presença do ar frio enquanto as camadas mais profundas do manto lávico continuam a movimentar-se provocando fissuras na placa superficial arrefecida por onde saíu matéria viscosa tomando formas muito diversas e interessantes.

O tecto desta gruta, embora sem formações espectaculares, apresenta pingos de lava uniformes e de pequenas dimensões cuja coloração varia entre o cinzento, o castanho, o vermelho, o laranja, o azulado, o verde-azeitona ... num conjunto variado de belo efeito.

Apesar da gruta ser baixa e desenvolver-se por um único corredor sem ramificações, a determinada altura o túnel divide-se em dois pisos sobrepostos que comunicam entre si através dum pequeno alçapão aberto na placa por onde se passa, sem muito custo, ao piso inferior. Neste piso a progressão é dificultada por um chão de lava do tipo "aa" ao mesmo tempo que a galeria se comprime em todos os sentidos. Mesmo assim, quase no limite do espaço possível de ser humanamente percorrido, encontra-se uma magnífica cascata de lava que nos dá a ideia clara do comportamento da actividade vulcânica naquele local e a nítida sensação de que tudo está acontecendo no momento.

Conhecida há muito e já anteriormente filmada pelos Montanheiros, só em Setembro deste ano, durante a Missão "Espeleo Pico 96", foi feito o levantamento topográfico da gruta dos Túmulos que está incluída no álbum de cromos editado pela Direcção Regional da Educação com o título "Maravilhas dos Açores"